

A Tumba de Sargerias

Robert Brooks

Parte um: O destino de um outro

Quase todo o navio tinha sido destruído pelas chamas.

As vigas metálicas do casco, forjadas há muito tempo em Lordaeron, jaziam no leito oceânico, assim como os restos mortais dos passageiros e da tripulação. Somente pequenos pedaços de madeira e tecido calcinado apareciam na superfície, ainda brilhando, as brasas verdes chiando sob as ondas.

Ainda queimariam por horas. Fogo vil não pode ser apagado por água comum.

Os destroços foram dar em uma praia de rochas negras. Um vulto solitário avançava, trôpego. Sua pele era seca e branca, recoberta de chagas. Ele avançou na direção da água e ficou remexendo os destroços.

Ele ergueu uma tábua queimada e a cheirou. Em seguida, lambeu uma das brasas, que rebrilhou e se apagou com um chiado. Os olhos pulsaram com energia esverdeada. Ele sorriu.

"Mais... eu preciso... de mais..."

Ele jamais provara fogo vil. Um pedaço maior começou a atraí-lo para o sul. Ele prosseguiu, trôpego, margeando a costa. Sabia que não era boa ideia entrar no território dos Vigilantes.

Ele não se recordava de um único dia em que não tivesse sentido aquela necessidade. Esforçou-se para lembrar. Certamente nunca houvera uma época em que não quisesse nada. Não. Era impossível. As lembranças de postar-se imponente em Suramar, consumindo sua porção de energia...

... os dias antes do exílio...

... eram apenas fantasias, evanescendo rápido. Isso era bom. As coisas ficariam mais fáceis quando as lembranças acabassem.

Ele não precisava de Suramar. Poder, era disso que ele precisava. Não consumira nada por dias, nada além daquela única brasa, e não havia muito mais disponível na área. Muitos outros como ele vagavam por ali. Mas havia mais do naufrágio em mar aberto, e certamente haveria mais poder lá. Ele podia sentir. Não era longe. Assim, prosseguiu, ignorando a exaustão, em direção ao que estava obcecando sua mente.

Ele sabia que outros também seriam atraídos para lá.

"Mas é meu, é meu, é só meu, só meu..."

Estava tão perto agora, chamando-o do mar aberto.

Ali.

Um cadáver jazia de bruços nas rochas, tocado suavemente pelas ondas. Quem quer que fosse, havia sido muito poderoso. Mesmo depois de morto, sua energia mágica brilhava como um sol.

Seria um prazer devorá-lo todinho.

De tanta pressa, ele caiu e começou a avançar de quatro. Ouviu gritos irritados ao longe. Outros tinham chegado. Eles também comeriam bem. Havia bastante para todos. Mas primeiro ele.

Ele puxou o manto negro de cima do cadáver. Um orc. Pele verde. Pulsando com magia negra e marcas estranhas. Nunca tinha visto uma aura tão forte. A energia iria sustentá-lo por...

Dias? Semanas? Anos?

Seus dedos se curvaram sobre o corpo, sugando um pouco da radiância potente. Era vil. E era belo. Ele bebeu bastante.

Ele sentiu a força. O Fogo. O Poder.

Ele sentiu dor. A mão verde do cadáver se fechou em sua garganta, apertando forte.

Ele sentiu medo. O orc estava se levantando. Não era um cadáver. Nunca fora. Olhos rubros e brilhantes o encaravam. — Você não pagou o preço por esse poder, não como eu paguei — disse o orc. Os seus olhos se estreitaram e os lábios se contorceram em um sorriso. — Mas pode beber mais.

O exilado gritou. Torrentes de magia vil invadiram sua mente. Ele vivia de magia. Agora afogava-se nela, sufocando sob um oceano sem fim de fogo verde. Estava saciado até o limite, mas ainda mais magia vil o inundava.

Então, em um instante, acabou. Toda a magia do orc e a sua também, drenada até a última gota. Nada restava além do vazio e da agonia.

Mas ele percebeu, enquanto seu coração parava de bater, que faria qualquer coisa para ter aquele poder novamente...

Com um gesto casual, Gul'dan deu um fim à vida daquele miserável, deixando seus restos encharcados nas rochas. Ele se assemelhava a um elfo aos olhos de Gul'dan, mas não como os

que tinham invadido Draenor, que não pareciam tão debilitados. — O que ele era? — perguntou Gul'dan ao seu mestre.

"UM NOCTÍVORO. EXILADO DE SURAMAR."

Os outros começaram a correr para longe, mas não se afastaram muito. Gul'dan ergueu as mãos e, pouco depois, todos os Noctívoros caíram no chão, mortos, com as carcaças ressequidas. Torvelinhos de névoa esverdeada se evolveram de seus corpos, indo na direção das mãos de Gul'dan, e então desapareceram sob sua pele.

Gul'dan fechou os olhos e exalou lentamente. O peso de sua exaustão diminuía apenas um pouco, mas sua satisfação era mais profunda. Era bom ser o predador outra vez. Esperava que aquilo durasse.

Ele cambaleou para longe da praia exposta. Não havia motivo para facilitar as coisas para seu perseguidor. Não parou até estar bem mais para dentro do continente, oculto entre penedos e árvores ressequidas.

Ele se sentou para descansar. — É este o lugar? As Ilhas Partidas? — perguntou Gul'dan.

"SIM. CONTINUE ANDANDO."

Gul'dan odiava a maneira como a voz de Kil'jaeden ecoava em seu crânio. A voz preencheu sua mente no instante em que ele entrou naquele mundo e não lhe dera um segundo de descanso. — Preciso de tempo — murmurou ele.

"NÃO HÁ TEMPO A PERDER."

Gul'dan se encostou em um rochedo. Seu pacto com a Legião Ardente lhe concedera poder, mas sua postura continuava retorcida e encurvada como sempre. Seu corpo mortal ainda estava fraco. — Eu preciso de tempo. O arquimago é mais poderoso do que você pensa. — Gul'dan quase morrera ao nadar até a praia usando apenas a força física. Se Hadggar tivesse detectado qualquer traço de energia vil se afastando do navio mercante em chamas... Bom, não aconteceu, mas agora Gul'dan mal conseguia ficar de pé. — Eu só preciso de um instante.

"NÃO."

Gul'dan continuou parado, recuperando o fôlego.

— VOCÊ ME DESOBEDECE? —

O orc grunhiu. Ele fora até um novo mundo, roubara um navio e navegara por um oceano desconhecido enquanto um perseguidor implacável o seguia de perto. Ao responder, Gul'dan não conseguiu disfarçar a raiva: — Eu provei minha lealdade inúmeras vezes.

"VOCÊ FRACASSOU INÚMERAS VEZES. NÃO PROVOU NADA."

Gul'dan se levantou, ignorando a fadiga. *Eu fracassei? Eu?* Ele manteve aquele pensamento escondido. Cumprira sua parte do trato. A Legião tinha fracassado. Nenhum dos seus planos deu em alguma coisa. Mannoroth, algoz de milhares de mundos, morreu em uma emboscada. Auchindoun e todo o seu poder tinham sido conquistados, mas só por alguns míseros instantes.

Até Arquimonde fracassara.

Um pensamento perigoso surgira. *Por que esperar que dessa vez seja diferente?* Gul'dan escondeu essa dúvida no fundo da mente. Bem no fundo mesmo.

— Para onde eu devo ir, então? — perguntou ele, com a voz fria feito a morte.

"VOLTE POR ONDE VEIO."

Gul'dan olhou na direção do oceano. — Eu não compreendo.

"VOCÊ VISITOU ESSAS ILHAS ANTES. HÁ DÉCADAS. NÃO ESTÁ SENTINDO?"

— Aquele não era eu — disse Gul'dan. Um desconforto gélido tomou conta dele. Saber que tinha havido outro Gul'dan, que vivera e morrera naquele mundo, naquela linha do tempo, trazia um desconforto. — Nós não somos o mesmo.

"SE VOCÊ NÃO FOR, ENTÃO NÃO ME SERVE DE NADA. VÁ PARA O NORTE."

Desobediência não era uma opção. Não ainda. Gul'dan recomeçou a caminhar, lentamente, tentando captar sinais de divinação. Não tinha dúvida de que o arquimago Hadggar já havia começado a vasculhar as ilhas. Noctívoros famintos perambulavam pela área, mas todos fugiam ao sentir a presença ameaçadora do bruxo. Muitos se escondiam nos restos de naufrágios antigos espalhados pela costa. Gul'dan estava satisfeito; seria frustrante para Hadggar examinar tudo aquilo. Não havia nenhum corvo à vista, embora alguns abutres circulassem alto no céu. Eles se mantinham afastados.

— O que aconteceu aqui? Com... o outro eu? — A pergunta era amarga, mas ele precisava saber. Tudo o que ele ouvira — em meio aos gritos dos infelizes soldados da Aliança e da Horda que tinham caído em suas garras em Draenor — foi que o Gul'dan daquela linha temporal acompanhara a primeira Horda na guerra e fora derrotado e morto. Mas era difícil descobrir

detalhes. Talvez isso significasse que o fim de Gul'dan tinha sido discreto, que sua morte não tinha sido interessante o bastante para ser lembrada. Não era um pensamento reconfortante.

"VOCÊ ERGUEU UMA ILHA, THAL'DRANATH, DAS ÁGUAS."

— Por ordem sua?

"VOCÊ NÃO VEIO AQUI PARA FAZER PERGUNTAS. VOCÊ VEIO PARA VISITAR ESSA ILHA NOVAMENTE. O CAMINHO É LONGO. ANDE."

Os pensamentos de Gul'dan continuaram a nadar em águas perigosas. *Deve haver algo poderoso aqui.* Por que outro motivo Kil'jaeden iria querer mantê-lo na ignorância? *Eu preciso obedecê-lo, mas não preciso confiar nele,* decidiu Gul'dan. Kil'jaeden era conhecido como "o Enganador", e não era sem motivo.

— Posso pelo menos perguntar o que é que essa ilha possui de interesse?

"A TUMBA DE SARGERAS."

Naquele instante, um silêncio mortal se abateu sobre o lugar. Os abutres se afastaram. Pequenos roedores desapareceram em suas tocas.

Alguém se aproximava. Gul'dan parou e esperou. Aos poucos, com muito cuidado, envolveu-se em poder vil, um truque simples, mas eficaz. Quem estivesse a mais de dois passos de distância não veria Gul'dan — e quem chegasse mais perto em pouco tempo já não veria mais nada.

Ele continuou atento, mas sua cabeça estava mil. — A tumba de Sargerass? Ele está morto? — sussurrou ele.

"VOCÊ NÃO COMPREENDE NADA."

Kil'jaeden dera aquela resposta a muitas perguntas de Gul'dan. O orc quase perdia a paciência quando ouvia aquilo.

Alguém se movia entre as pedras. Gul'dan pressentiu antes de ver quem era.

Uma movimentação rápida chamou sua atenção. Nem um pedregulho se mexeu quando um vulto coberto com um manto deslizou com passos silenciosos. Ela chegou a uma clareira iluminada, e Gul'dan viu a armadura verde e as lâminas curvas rebrilhando. Cada movimento era repleto de autoconfiança e propósito. Nem um centímetro de pele estava visível sob o elmo, mas ela não parecia ter dificuldades de vistoriar seus arredores.

Gul'dan sorriu. Cordana Vilcanta vestia algo parecido. Uma Vigilante? Ali? Interessante.

Ele ficou tentado a armar uma emboscada, mas ela estava indo para o norte. Ele a seguiu. Onde havia uma, certamente haveria mais. Os Noctívoros eram fracos, e suas essências vitais deram pouco poder a Gul'dan. As almas dos Vigilantes valeriam o tempo dispendido na coleta.

Kil'jaeden não disse nada para detê-lo. E o orgulho de Gul'dan sofria uma tortura indizível só de cogitar se o mestre lhe concederia aquele pouco de liberdade.

A magia de Gul'dan o manteve escondido enquanto ele se apressava em seguir a Vigilante. Duas vezes ele teve que porque ela mudara de curso, desviando-se em padrões irregulares e depois retornando à direção original. Ela procurava alguma coisa. Procurava por ele? Seria improvável. Só um grande tolo pensaria em caçar Gul'dan sozinho. Até Hadggar buscara o auxílio de aliados.

Logo a Vigilante dobrou o canto de um penhasco e saiu em um platô. Outros seis já estavam no local.

Sim...

Gul'dan ficou nas sombras, reunindo poder enquanto a Vigilante que ele seguira se juntava aos outros. Só conseguia ouvir trechos da conversa.

"... Noctívoros mortos..."

"... navio afundado no horizonte..."

"... como queira, guardiã Cantonegro."

Gul'dan olhou com atenção. Aquele nome era familiar. Onde ele tinha ouvido... Ah, sim. Maiev Cantonegro. Era a líder de Cordana, e seu nome era temido. "Se ela descobrir a minha traição", dissera Cordana, "eu vou ter que implorar por um fim tão rápido quanto o de Illidan."

Se Gul'dan matasse Maiev agora, seria uma ameaça a menos com que se preocupar.

Ele preparou a emboscada, um redemoinho calcinante e mortal. Eles não tinham chance. Nem sequer desconfiavam da sua presença. Gul'dan ergueu as mãos e...

"ESCONDA-SE".

A voz de Kil'jaeden atroou em seu crânio. Gul'dan quase caiu com o impacto. Ele baixou os braços, esquecendo-se da emboscada. "O que...?"

Então ele ouviu.

O crocitar de um corvo rasgou o céu.

Gul'dan dissipou seu ataque imediatamente, esperando que não tivesse sido detectado. Ele olhou para cima. O corvo desceu em um rasante. Gul'dan pensou que tinha sido visto.

Mas o corvo apenas rodeou o platô duas vezes e depois mergulhou na direção dos Vigilantes. Eles o viram se aproximar. Em um piscar de olhos, o corvo se transformou. O homem que ficou em seu lugar avançou com passos confiantes.

Os olhos de Gul'dan faiscaram. Ele rilhou os dentes com tanta força que chegou a doer.

— Olá, Maiev — disse Hadggar, tirando uma pena do ombro.

— Não me lembro de mandar chamar você, Arquimago — respondeu a líder, fria.

— Seu charme lendário não diminuiu nem um pouco — respondeu Hadggar. Então ele se aproximou dela e começou a falar, baixo demais para que Gul'dan pudesse ouvir.

Gul'dan praguejou baixinho: — Eu devia matar esse tolo agora mesmo.

"ELES SÃO IRRELEVANTES. VÁ EMBORA".

— Eu posso matar todos eles.

"VOCÊ NÃO VEIO AQUI PARA LIDAR COM ELES. OBEDEÇA, GUL'DAN".

Hadggar estava bem ali. Vulnerável.

Naquele instante, Gul'dan pensou em se rebelar. Sabia que se unir à Legião Ardente exigiria sacrifícios. Ele aceitara isso. Em troca, recebera um poder tremendo.

Mas ele não fizera um pacto para se tornar um títere.

Ele tinha transformado outros em escravos obedientes — e se o filho idiota de Grommash Grito Infernal não tivesse interferido, teria transformado muitos mais —, mas esse não seria o destino de Gul'dan. Não. Seu destino era governar mundos para a Legião. Um serviço, não escravidão. *Se a Legião não concorda, então o pacto já está quebrado*, pensou Gul'dan.

Mas, naquele instante, rebelar-se significava morrer. Havia inimigos por toda parte. Aquele mundo era estranho e estava contra ele. Gul'dan nem sabia qual era o poder que a Legião queria que ele obtivesse. Kil'jaeden o mantivera em rédea curta. Curta demais para se rebelar.

Por enquanto, Gul'dan iria bancar o servo obediente. — Eu sirvo, Kil'jaeden. — Ele se retirou lentamente.

"SEU DESTINO FICA A LESTE DAQUI. ENCONTRE UM MODO DE ATRAVESSAR A ENSEADA. VOCÊ NÃO TEM MAIS TEMPO PARA SURAMAR."

Gul'dan teve uma ideia de como proceder. Ele deixou Hadggar e os Vigilantes para trás e retornou à costa oriental. Ali, no topo de um navio naufragado com marcas da Aliança, havia um pequeno bote. Estava preso ao navio por uma única corda podre. Um puxão firme o fez cair nas ondas plácidas. Nunca tinha remado antes, mas era simples de aprender e ele não precisava ir muito longe. Logo ele tinha se afastado o suficiente da costa — e de Hadggar — para deixar os remos de lado e usar meios mais agradáveis de se propelir. Uma fosforescência esverdeada rebrilhou no rastro do bote. De vez em quando, alguns peixes irrompiam na superfície.

Kil'jaeden o manteve na direção certa, e uma hora depois o destino de Gul'dan surgiu no horizonte. A ilha era plana e continha uma estranha estrutura que se erguia bem alto. De perto, ela assomava imponente acima de Gul'dan. Um monumento. Uma promessa. Torres e anteparas irregulares davam testemunho de sua importância. Qualquer que fosse sua função atual, antes havia sido uma verdadeira fortaleza. Para invadir o lugar, seria preciso uma força invasora ainda maior do que a que a Horda de Ferro tinha planejado para aquele mundo.

Por que um lugar assim estaria abandonado? Talvez sua hora tivesse passado. Mas Kil'jaeden tinha motivos para levá-lo até ali. Não saber quais eram enfurecia Gul'dan.

Ele se sentiu desconfortável ao se aproximar. A ilha *era* familiar. Não a visão dela. Algo ecoava naquele lugar, algum vestígio do seu próprio poder — do poder do *outro* Gul'dan — que permanecera ali já há décadas. Gul'dan já não duvidava de que tinha estado ali antes.

O casco apodrecido do bote se despedaçou quando Gul'dan atracou na costa sombria. Ele percorreu o resto do caminho até a tumba misteriosa, onde pressentiu a magia estranha de quem tinha selado a entrada. Havia barreiras físicas de pedra e metal encantado, bem como vários portões e travas arcanos. Um problema simples de resolver. Gul'dan começou a tecer a magia vil em padrões complexos, desmantelando cada obstáculo com facilidade.

— O que há lá dentro? Guardas? Armadilhas? — perguntou Gul'dan.

"O SEU OBJETIVO."

Gul'dan estacou. Não era a resposta que ele esperava. — O que você quer que eu faça?

"VOCÊ ABRIRÁ O CAMINHO PARA NÓS."

Gul'dan não entendeu. — Nós tentamos isso em Draenor. — Tinha custado um esforço considerável. E não dera em nada.

"LÁ, VOCÊ MESMO TENTOU LIMPAR O CAMINHO. AQUI VOCÊ SÓ VAI PRECISAR GIRAR A CHAVE. ENTÃO VOCÊ CONHECERÁ NOSSO PODER VERDADEIRO."

Outra barreira caiu. Aquela continha uma armadilha. Dezenas de lanças de fogo e poder arcano voaram na direção de Gul'dan. Ele fez um gesto despreocupado e as lanças desapareceram. Seus pensamentos estavam em outro lugar. — Era isso que o outro Gul'dan deveria ter feito. O que houve?

"VOCÊ NÃO CUMPRIU SEU OBJETIVO."

— Não era eu — grunhiu Gul'dan.

"É O QUE VAMOS VER."

— No que ele errou?

"FOI DESLEAL."

Gul'dan não podia acreditar em nada que o Enganador dizia. Talvez ali, assim como em Draenor, tivesse sido a Legião a fracassar.

Mas eles não me trouxeram aqui duas vezes à toa. Algo lá dentro era tão poderoso que nem a morte afastaria Gul'dan de seu destino. Talvez aquele destino estivesse alinhado com os planos de seus mestres. Talvez não.

Aquilo fez Gul'dan sorrir.

A última proteção da entrada da tumba se esfacelou. Gul'dan arrebentou a porta com um baque ensurdecedor. Agora ele precisava agir rápido; o barulho iria atrair atenção.

— Conduza-me, Kil'jaeden — disse Gul'dan. — Eu vou conseguir.

Ele adentrou as trevas da Tumba de Sargeras. O lugar era gigantesco, com incontáveis corredores descendo para o subterrâneo. O peso da magia de milênios passados e os destinos das almas daquele mundo apressavam Gul'dan, e ele avançou rapidamente. Kil'jaeden não precisava mais espicaçá-lo. Ele estava ansioso para descobrir os segredos da tumba, pois o poder ali escondido, fosse qual fosse, logo estaria em suas mãos.

Não nas mãos da Legião. Nas suas.

©2016 BLIZZARD ENTERTAINMENT, INC. TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. Legion é marca, e World of Warcraft, Warcraft e Blizzard Entertainment são marcas ou marcas registradas da Blizzard Entertainment, Inc. nos Estado Unidos e em outros países.